

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS ESTUDANTES EM CARUARU: Formação Política, Desafios e Limites do Movimento Estudantil da Atualidade¹

Edima Verônica de Morais²

Allene Lage³

29

ESTUDOS - Estudos Universitários

Introdução

Em muitos estudos sobre a juventude são levantadas questões sobre a necessidade de tutoria ou são feitas análises no sentido de discutir as instituições ligadas aos jovens (a escola, a família, sistemas jurídicos e penais). No entanto poucos estudos se preocupam em investigar as formas em que estes jovens se organizam e elaboram formas de enfrentamento das situações problemáticas vivenciadas por eles no cotidiano. Só recentemente surge o interesse em estudar as considerações dos próprios jovens, suas experiências de organização e sociabilidade.

A forma como hoje conhecemos e entendemos o Movimento Estudantil (ME) existe desde a criação da UNE (União Nacional dos Estudantes) em 1937. No entanto isso não significa que os estudantes só se organizaram a partir de 1937. No livro “O Poder Jovem” (1968) Poerner cita a primeira manifestação estudantil registrada pela história no Brasil ocorrida ainda no período colonial. Porém, a nossa pesquisa pretende traçar um paralelo histórico da organização estudantil desde a criação da UNE.

¹ Este artigo é o resultado de uma pesquisa de PIBIC financiando pelo UFPE/CNPq, por meio de bolsa pelo período de um ano.

² Pedagoga pela UFPE. Professora da Prefeitura Municipal de Caruaru. Foi bolsista PIBIC com projeto sobre o Movimento Estudantil de Caruaru.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Professora Adjunta da UFPE. Foi orientadora do Projeto de PIBIC e TCC da primeira autora.

Socialmente usamos critérios para classificar/distinguir/hierarquizar os indivíduos, e a juventude é um destes. Essa classificação depende de alguns fatores como o contexto histórico e social de cada época ou forma como cada sociedade se organiza. Assim, como exemplo, na Roma antiga, a vida humana está dividida em duas etapas: a imaturidade e a maturidade, a primeira ligada à fase em que o homem não sabe controlar seus instintos e a segunda, por volta dos cinquenta anos, quando o indivíduo é suficientemente maduro para assumir todos os direitos e deveres da sua vida pública. (BENEVIDES, 2006).

Nessa direção o referido autor traz uma reflexão sobre a classificação dos indivíduos em categorias elaboradas como a idade, para definir lugares e poderes que os jovens reivindicariam para si, o lugar ocupado pelos velhos nos espaços públicos da vida social. Também é um período em que os jovens se afastam da esfera privada se aproximando do universo público. Nesse confronto, segundo Costa *apud* Benevides (2006), estaria a razão pela qual a juventude é comumente caracterizada como uma fase de inquietação.

Quando observamos a história do Brasil e os diferentes momentos de transformação e efervescência política vivenciados pela sociedade brasileira, percebemos que os jovens se apresentam como uma categoria chave para as possibilidades de mudança social. Nos anos de 1930, no Brasil, os jovens eram cortejados pelas correntes políticas que disputavam, na época, o poder no país, os Fascistas e os Comunistas. No ano de 1937, ano que Getúlio Vargas inaugura o Estado Novo nasce a União Nacional dos Estudantes – UNE. Para Poerner sua criação é fruto de uma tomada de consciência, quanto à necessidade de organização em caráter permanente e nacional da participação política estudantil, e a UNE representa, sem qualquer dúvida, o mais importante marco divisor daquela participação ao longo da nossa história. (POERNER, 1968).

Desde sempre a juventude tem participado ativamente de momentos importantes da história. No Brasil a nossa juventude participou da campanha “O Petróleo é Nosso” no final da década de 1950 e da luta contra a ditadura, quando em 1964, na Central do Brasil no Rio de Janeiro, reuniu cerca de duzentas mil pessoas para que as reformas de base propostas pelo Presidente João Goulart fossem efetivadas de fato. Na década de 1980, participaram ativamente da campanha por eleições diretas para presidente. Assim, este artigo, resultado de uma pesquisa de PIBIC⁴, procurou refletir sobre a participação política dos estudantes enquanto Movimento Estudantil, trazendo contribuições para reflexão sobre o modo de organização e o entendimento das lutas políticas e ideológicas travadas no Brasil. Para tanto buscamos observar e dialogar com alguns estudantes que participam do Movimento Estudantil de Caruaru, tanto universitário quanto secunda-

4 Com bolsa do CNPQ.

rista. Nessa direção levantamos algumas possibilidades que explicam como acontece a participação e a organização desses jovens; bem como procuramos perceber suas compreensões políticas referentes ao cenário social e econômico do Brasil e do mundo. Assim como, ainda, conhecer as práticas educativas presentes no Movimento Estudantil que contribuem para a construção de saberes pedagógicos.

1. MOVIMENTO ESTUDANTIL E AÇÃO POLÍTICA

O auge das contestações juvenis em todo mundo foi o ano de 1968. Jovens em diversos países se mobilizavam para protestar contra a Guerra do Vietnã. No Japão, os jovens lutavam para impedir que seu país se tornasse um depósito de armas nucleares. Na França, os estudantes denunciavam o conservadorismo do General De Gaulle e a estrutura educacional defasada. Essas manifestações ficaram conhecidas como o *maio de 1968*, quando as universidades foram ocupadas. O que a princípio era uma mobilização unicamente estudantil, com a repressão violenta dos policiais, despertou a solidariedade de sindicatos e partidos de esquerda, o que provocou uma grande paralisação na França. Na Polônia, os estudantes protestaram contra a censura e o severo controle do Partido Comunista dentro das Universidades. Em janeiro de 1968, na Tchecoslováquia, Alexander Dubcek assume a direção do Partido Comunista e anuncia uma série de reformas, o que ficou conhecido como a Primavera de Praga, não agradando à União Soviética, que reprimiu severamente tais reformas.

Na América Latina, vários países viviam sob o jugo de ditaduras militares. No Brasil, um regime forte de ditadura, conhecido também como “os anos de chumbo”, que imprimia o terror a intelectuais, artistas, políticos e estudantes, forçou a organização destes grupos para lutar contra este regime. Em 28 de março de 1968, é assassinado a tiros o estudante Edson Luís em frente ao restaurante Calabouço. A morte do estudante marcou a radicalização nos confrontos da polícia com os estudantes.

O dia 26 de junho foi marcado por um ato que ficou conhecido como a “Passeata dos cem mil”, que aconteceu de forma pacífica. A partir dessa manifestação constituiu-se uma comissão para falar com o Presidente Costa e Silva e os estudantes apresentaram algumas reivindicações, entre elas a libertação de militantes presos, a reabertura do Restaurante Calabouço e mais verbas para o ensino superior. A Passeata foi o ponto máximo da mobilização do ME (ARAUJO, 2007). Em outubro de 1968 a UNE organiza o congresso de Ibiúna, que significaria, segundo Araujo,

o marco final de todo processo político, de confronto e radicalização, que estava sendo vivido pelo movimento estudantil, principalmente a partir de 1966, e que se acirrou depois do assassinato de Edson Luís. O congresso embora não tenha sido percebido assim na época, foi um ponto final na experiência política que os estudantes brasileiros estavam vivendo. (ARAUJO, 2007, p.185).

No congresso de Ibiúna, toda a liderança do movimento estudantil brasileiro foi identificada presa e fichada. As fotografias serviram mais tarde para prender vários militantes que partiram para luta armada. Só a partir de 1977 inicia-se o processo de reconstrução da UNE.

Na década de 1980, com a abertura política, os estudantes se engajaram na campanha da anistia geral⁵ e irrestrita para todos e todas que haviam sido perseguidos, torturados e exilados do país. Também se organizaram em favor do Movimento pelas “Diretas Já”⁶, pois acreditavam que para acabar com a Ditadura Militar seria necessária a convocação de eleições diretas para presidente.

Depois dos anos de chumbo, o primeiro presidente eleito pelo voto direto é acusado de corrupção, e a sociedade civil organiza um movimento que exigia o impeachment do presidente. Motivados pela exibição de uma série de televisão que falava sobre os anos 60 e a luta estudantil daquela época contra a ditadura, os estudantes saem às ruas para pedir a saída do presidente, em um movimento que ficou conhecido como os “Caras-Pintadas”. A base desse movimento eram os estudantes secundaristas.

Nos anos 2000, os estudantes, principalmente os secundaristas, lutam pelo direito a meia-entrada e ao passe livre e pela diminuição das mensalidades escolares. Muitos jovens direcionam suas lutas para outras questões que envolvem o nosso tempo, como as questões ambientais e a luta contra o racismo, entre outras.

Passado este momento de efervescência política, hoje se questiona o pouco interesse dos jovens pela política ou mesmo pelo Movimento Estudantil, e também a invisibilidade deste. Parece haver uma despolitização dos jovens ou um desencantamento. Por outro lado cresce o poder de sedução do mercado, ocupando as mentes e definindo os novos interesses dos jovens.

Contudo há um risco em comparar estes dois momentos históricos do ME na medida em que há uma tendência em hierarquizar as atuações e

5 É o nome popular da lei n° 6.683, que foi promulgada pelo presidente Figueiredo em de 28 de agosto de 1979, ainda durante a ditadura militar.

6 Movimento ocorrido no Brasil entre os anos de 1983 e 1984: era um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas. O movimento agregou diversos setores da sociedade brasileira. Participaram inúmeros partidos políticos de oposição ao regime ditatorial, além de lideranças sindicais, civis, artísticas, estudantis e jornalísticas.

o protagonismo do ME na década de 1960 com a atualidade. As necessidades históricas da década de 1960 eram outras, como também havia um contexto social e político que demandava muita organização social. Havia toda uma atmosfera de luta, de contestação, entre os jovens de alguns países da Europa, dos Estados Unidos e América Latina, inspirados pelos ideais da Revolução Cubana e de seu grande líder revolucionário, Ernesto Guevara. Porém, nem todos os jovens eram militantes do Movimento Estudantil ou estavam envolvidos em algum tipo de ação política. Muitos caminhavam na contramão do ideário revolucionário de transformação social participando de grupos de extrema direita como o Comando de Caça aos Comunistas. No livro “Na contramão do poder”, Silvio César Oliveira Benevides relata que esses grupos agiam com extrema violência contra intelectuais, integrantes do movimento estudantil e artistas.

Portanto, para evitar análises reducionistas e superficiais é importante observar como acontece a participação juvenil na contemporaneidade. É necessário resgatarmos o significado do que é política. E para isso, é necessário que os Movimentos Sociais compreendam poder político para além da dominação, ou seja, é necessário que eles entendam poder político de uma maneira mais positiva. Segundo Dussel (2007):

A “vontade de viver” é a essência positiva, o conteúdo como força, como potência que pode mover, arrastar, impulsionar. Em seu fundamento a vontade nos empurra a evitar a morte, a adiá-la, a permanecer na vida humana. (DUSSEL, 2007, p. 26).

Nesse sentido, o ser humano inventa meios de sobrevivência que vão prolongar sua vida; a utilização destes meios se constitui numa forma de poder, ou seja,

a motivação do poder é a vontade de vida dos membros da comunidade, ou do povo, já é a determinação material fundamental da definição de poder político. Isto é, a política é uma atividade que organiza e promove a produção, reprodução e aumento de vida de seus membros. (DUSSEL, 2007, p. 26).

Partindo dessa definição podemos constatar que a participação política dos jovens, seja no passado ou atualmente, visa à conquista de direitos, que promovam o bem estar comum, e não apenas de uma pequena parcela privilegiada da sociedade. Visa também à promoção da melhoria de vida destes, seja quanto ao acesso à educação e cultura ou quanto à possibilidade de ter garantida sua entrada no mundo do trabalho.

Como seres sociais, homens e mulheres são seres políticos– *homo est naturaliter politicus, id est, socialis* (o homem é por natureza, político,

isto é, social)⁷. A vida humana é caracterizada pela realização de algumas atividades. Hannah Arendt, em seu livro “A condição humana”, designa três atividades fundamentais, a saber: labor, trabalho e ação, ligadas diretamente às condições básicas de sobrevivência da humanidade. O labor é a atividade ligada aos processos biológicos do corpo humano; o trabalho, ligado à produção de um mundo artificial de coisas e a ação é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas. (ARENDR, 2001). Para este estudo nos interessa entender o que significa a ação.

A acção corresponde à condição humana da pluralidade, ao facto de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política... (ARENDR, 2001, p. 20).

Partindo desse pressuposto podemos entender política como ação humana, *práxis*, que é necessária para estabelecer e manter a vida humana. Dessa forma, a ação desenvolvida pela juventude visa ao estabelecimento e à manutenção de suas vidas e consequentemente da vida em comum, da sociedade.

Como o acesso ao ensino superior era privilégio de poucos, hoje em dia apesar da proliferação de instituições de ensino superior ainda é reduzido o número de jovens que tem acesso a essa modalidade de ensino. Observamos que os participantes do ME na década de 1960 eram de origem burguesa, das classes médias brasileiras. Estes tinham acessos aos livros dos grandes pensadores, à Filosofia, Sociologia e à Literatura. No livro a “A resistência da mulher a ditadura”, Ana Maria Colling, citando Ventura, diz que a geração de 68 teve com a linguagem escrita uma cumplicidade que a televisão não permitiria depois (COLLING, 1997). A juventude desta época percebia a cultura como uma forma de revolucionar, de transformação política.

Ao resgatar o poder revolucionário da palavra, “chega de atos, queremos palavras”, a juventude encarava a cultura como um instrumento de transformação política. Nas prateleiras conviviam Marx, Mao, Guevara, Débray, Luckács, Gramsci, James Joyce, Hermann Hesse, Norman Mailer e Marcuse. Neste ano, pela primeira vez, foi traduzido para o português “O Capital”, de Marx. Os “3M de 68”, Marx, Mao e Marcuse, eram leitura obrigatória dos engajados politicamente. Marcuse, conciliando Marx com Freud, era o guru da geração. (COLLING, 1997, p.37).

Atualmente vivemos um outro contexto histórico; no entanto é importante lembrar que muito daquilo pelo que se lutava ainda está presente no nosso cotidiano, e outras bandeiras de luta foram acrescentadas à luta do ME;

7 Citação extraída do Livro “A Condição Humana” de Hannah Arendt (2001, p. 39).

o que não condiz com a pouca mobilização desses estudantes. Talvez essa apatia esteja ligada diretamente à forma como a política é praticada atualmente. Ivandro Sales em seu ensaio “Ainda é possível tomar gosto pela política? Os desafios para uma gestão democrática” apresenta uma possibilidade para explicar essa apatia:

Talvez nem seja uma rejeição à política, mas ao modo vigente de praticá-la. Talvez não se esteja satisfeito com o próprio modelo de Democracia Parlamentar Representativa em que as deliberações não são tomadas diretamente pelos diferentes grupos de interesses na sociedade, mas por pessoas eleitas para representá-las nos parlamentos e na esfera dos poderes executivos (SALES, 2008, p. 184).

Nessa direção, se observarmos os rumos que a política tomou nas últimas décadas, sempre associada à imagem do político corrupto que legisla em favor próprio, fica fácil imaginar o porquê das pessoas não terem interesse em participar, ou se sintam estimuladas a discutir sobre questões políticas; ou mesmo porque é passado para esses jovens, de acordo com a política neoliberal vigente, que estimula o individualismo. Não queremos dizer que os jovens não devam ter seus projetos individuais, mas o grande desafio é a articulação entre os projetos individuais e coletivos. Assim, percebemos que a falta de interesse em participar e discutir sobre questões políticas, ou de se engajar em um partido político não é privilégio apenas da juventude, esse é um fenômeno que afeta a sociedade de uma forma geral. No concernente à questão dos partidos políticos, Dussel (2007) faz uma interessante reflexão que nos fornece algumas pistas para compreendermos sua importância no cenário atual:

Entretanto, eles são necessários como “escola” de opinião política, de ideologia. De projetos materiais e administrativos justificados racional e empiricamente. Sem os partidos, os melhores dirigentes possíveis do povo não têm uma opinião ilustrada nem crítica; sucumbem no espontaneísmo diante das burocracias (DUSSEL, 2007, p. 152).

Porém, se por um lado os partidos políticos se caracterizam como espaços importantes de formação e organização para a juventude, por outro quando eles se corrompem, consequentemente, acontece o descrédito, e eles passam a ser vistos com desconfiança. Dussel (2007) diz que isto acontece quando o partido utiliza como vantagem sua cota de poder delegado como poder da burocracia.

Como já discutido, uma série de circunstâncias dificulta o processo de participação e organização dos jovens. Nos últimos anos vem surgindo uma necessidade social de criar espaços e desenvolver ações que favoreçam a

formação de valores como solidariedade, tolerância, respeito às diferenças, responsabilidade ambiental e social, e que levem os jovens a participar ativamente do tecido social, assumindo responsabilidades, não apenas com os interesses individuais, mas com os interesses e o desenvolvimento coletivos.

Nesta perspectiva, surge o termo Protagonismo Juvenil, que é passível de vários sentidos. Para atender às necessidades deste trabalho, utilizamos a compreensão de Protagonismo no sentido em que possibilita aos jovens participarem ativamente da construção de conhecimentos e valores a partir da sua própria ação, deixando assim de ser vistos apenas como partes de um problema e passando a ser vistos como importantes atores na constituição da sociedade, além de se tornarem colaboradores na busca de soluções que levem à superação dos problemas. Nesse sentido:

A proposta do protagonismo juvenil parte do pressuposto de que o que os adolescentes pensam, dizem e fazem pode transcender os limites de seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos na vida comunitária e social mais ampla. Em outras palavras, o Protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos. (COSTA, 200, p. 126).

Como podemos perceber, as ações de Protagonismo Juvenil dão aos jovens a possibilidade de se colocarem e construírem suas identidades e socializações buscando novos caminhos que permitam a superação dos problemas que os atingem.

De fato, as experiências de protagonismo possibilitam aos jovens um processo educativo muito rico no qual terão a oportunidade de desenvolver suas cidadanias, não apenas no que se refere aos direitos humanos, mas à cidadania ligada à formação de valores e de atitudes que possibilitem a participação e promova a articulação entre a responsabilidade pessoal e a social.

Portanto, ao refletirmos sobre a participação da juventude atualmente, precisamos observar com cuidado que essa participação não acontece da mesma forma que no passado; hoje as demandas são diferentes e muitas das lutas estudantis foram ressignificadas.

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de compreender a realidade e enriquecer a aprendizagem no confronto entre teoria e prática, a partir das experiências vivenciadas no universo da pesquisa, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, que contribuiu para a ampliação dos conhecimentos sobre as questões centrais deste estudo. Segundo Deslandes et al (1994) a pesquisa qualitativa trabalha com:

o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (DESLANDES et al, 2008, p. 21).

A pesquisa qualitativa foi primordial para este estudo, pois ela permitiu conhecer as subjetividades dos participantes que não podendo ser suprimidas, apareceram nos diálogos e nos encontros. O método utilizado nesta pesquisa foi o Método do Caso Alargado. Esse método se inicia a partir do estudo de caso, e supera a amplitude estrita do caso para alargar suas implicações na conclusão. É importante se iniciar com o estudo de caso, pois parte de um estudo intenso dentro da realidade do tema pesquisado. Nesta direção Gil (2006), diz:

O estudo de caso é caracterizado pelo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. (p. 72).

Por outro lado Robert K. Yin (2005) trata o Estudo de Caso como uma investigação empírica que investiga um fenômeno no interior de seu contexto real, principalmente se não se tem claro o limite entre o fenômeno e o contexto; além de possibilitar muitos elementos de interesse.

Segundo Lage (2005) o Método do Caso Alargado proporciona a reflexão sobre as implicações do caso estudado, não é a análise estrita do caso, parte-se de um caso para se refletir a sociedade e a teia de relações que a formam de maneira mais ampla. Nesse sentido, o método de caso alargado propõe que,

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade das interações que o constituem (SANTOS, 1983, p. 9-59).

De fato o método do caso alargado propicia uma análise mais profunda do caso, observando as suas singularidades e diferenças, o que só é possível realizando um estudo detalhado, com um olhar apurado para as múltiplas interações e suas complexidades.

Como forma de coletar as informações, interagimos com os militantes em seus diversos espaços de convivência, porque acreditamos ser esta uma forma muito rica para a coleta dos dados, a partir do momento que partilhamos experiências e sentimentos proporcionando momentos de aprendizagens e de amadurecimento tanto pessoal, como de investigadora.

Fizemos algumas escolhas para realizar a coleta de dados; primeiro escolhemos como técnica de coleta de dados a observação direta, como forma de percebermos a realidade sem intermediações. Ou seja, os fatos são vistos diretamente. Nesse sentido, Gil (2006) diz que:

A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida. (GIL, 2006, p.110).

Outra fonte de coleta de dados escolhida foram as entrevistas e as conversas informais. A utilização das entrevistas deve-se a algumas razões. Segundo Gil (2006):

Possibilita a obtenção de dados referentes aos diversos aspectos da vida social; é uma técnica muito eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano e os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação. (p.118).

Já a entrevista informal que se diferencia da simples conversação por ter um objetivo de coleta de dados, foi eleita por razões específicas:

A entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado. (GIL, 2006, p.119).

De fato, a utilização da entrevista informal possibilitou uma visão geral sobre alguns aspectos da participação dos estudantes no Movimento Estudantil em Caruaru.

Para dar conta das análises das falas e dos conteúdos escritos coletados ao longo da pesquisa, escolhemos como caminho metodológico uma aproximação com a análise de conteúdo. Originalmente tratava-se de uma técnica de interpretar textos que se apresentam obscuros ou ambíguos. Atualmente pode se definir a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2004, p. 37).

A análise de conteúdo permitiu uma análise mais fiel da realidade, na medida em que por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar (BARDIN, 2004). De fato esse conjunto de instrumentos metodológicos nos possibilitou a explicitação e sistematização dos conteúdos expressos durante a pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Movimento Estudantil em Caruaru, assim como em todo Brasil, também teve seu momento de grande visibilidade no período da ditadura militar. No final da década de 1970 os estudantes caruaruenses participaram fortemente das campanhas pela anistia⁸ política dos presos políticos perseguidos pela ditadura militar e exilados do país, bem como tiveram presença marcante nos comícios das “Diretas Já”⁹ na década de 1980.

Atualmente observamos que os estudantes-militantes, diferentemente dos estudantes da década de 1960 pertencentes às classes burguesas, como já mencionado neste trabalho, são em sua maioria de origem popular e estudam em instituições públicas. Estes estudantes, devido às diversas dificuldades encontradas, como a má qualidade do ensino público, a violência, a falta de emprego, e ainda a grande dificuldade de ingressar e concluir o ensino superior, organizam-se no ME como forma de luta e conquista de direitos. No que se refere às influências que levaram estes estudantes a ingressarem no ME, percebemos que os estudantes são influenciados principalmente por amigos da escola, ou pelo trabalho realizados por suas entidades representativas; só uma pequena quantidade de estudantes cita a influência da família.

...tive influência de certa forma na escola também porque estudava no Estadual e através do processo de fazer carteira de estudante eu conheci a entidade municipal. Eu fui para um Congresso com toda juventude, um congresso de estudante secundarista, em Goiás, o congresso da UBES (União Brasileira dos

8 É o nome popular da lei n° 6.683, que foi promulgada pelo presidente Figueiredo em de 28 de agosto de 1979, ainda durante a ditadura militar.

9 Movimento ocorrido no Brasil entre os anos de 1983 e 1984. Era um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas. O movimento agregou diversos setores da sociedade brasileira. Participaram inúmeros partidos políticos de oposição ao regime ditatorial, além de lideranças sindicais, civis, artísticas, estudantis e jornalísticas.

Estudantes Secundaristas) e aí foi mais que eu me identifiquei, de fato com o movimento. Antes admirava, achava legal, tinha certa influência de família, mas não era uma militância propriamente dita era mais uma admiração. Depois deste congresso que eu conheci a entidade foi que eu realmente me engajei no movimento. (Militante Secundarista Secretária do Grêmio Estudantil).

Sempre senti a necessidade de me "mexer" dentro de qualquer grupo/movimento que participo, então além dessa minha predisposição tive a influência dos próprios colegas da universidade e que hoje trabalham comigo nessa luta. (Militante Universitária, Presidente do Diretório Acadêmico).

Durante a pesquisa, o que nos chamou atenção foi o fato de que os estudantes, em nenhum momento, mencionam os professores como agentes de politização, o que era algo característico na geração da década de 1960, como cita a autora Cristina Costa em seu livro "Caminhando contra o vento":

Além dos jornais, nossa politização ficava por conta dos professores, principalmente os da área de Humanas, os nossos inesquecíveis professores de história, geografia e literatura. Aprendíamos a pensar com esses líderes e amigos, que nos passavam idéias importantes e confiáveis, numa época em que desconfiávamos e discordávamos de quase todos os adultos, principalmente de nossos pais. (COSTA, 1995, p. 95).

Traçando um paralelo com a contemporaneidade, refletimos sobre o papel desempenhado hoje por muitos dos professores, que só são vistos e agem como meros transmissores de conteúdo, não se preocupando em levar os estudantes a construir um conhecimento crítico da realidade contribuindo para formação deste jovem não só na escola ou na universidade, mas fazendo com que este seja visto em todas as suas dimensões, capaz de mudar não só sua realidade, mas que podendo se transformar enquanto ser humano, buscando construir uma sociedade mais igualitária, na qual o respeito às diferenças e ao meio ambiente possa dar um tom diferenciado nas novas relações sociais de um novo modelo de sociedade e de mundo.

Podemos entender que o próprio modelo de educação que hoje temos, e a desvalorização do magistério, levam os professores, para poder se manter com o mínimo de dignidade possível, a buscar diversos empregos, o que contribui para o pouco envolvimento destes com seus alunos, o que não favorece a construção de uma educação crítica que leve para dentro das salas de aula questões para reflexão dos estudantes. Portanto, a educação precisa urgentemente rever seus modelos e ser uma educação como propõe Sales (2010):

Trata-se, portanto, de uma educação que ajude os jovens a lutar por outra ordem diferente e contrária ao capitalismo e que também prepare os jovens para serem donos do seu destino, não os entregando a qualquer salvador da pátria, seja ele bonzinho ou terrível. O grande objetivo desta formação é ajudar os jovens a serem mais sábios e mais fortes para se indignar, para irem à luta, decididos, serenos, felizes (p. 70).

A militância no ME leva os jovens a desenvolver o senso crítico e descobrir novas formas de participação política e de organização e passar a procurar meios que os ajudem a superar os problemas encontrados no seu cotidiano. Esta percepção está presente nas falas das seguintes militantes:

... depois que a gente entra no movimento, passa a ter mais uma visão de sociedade, uma visão mais política, mais crítica das coisas. Quando tava por fora do movimento a gente vê a sociedade, observa, mas, não tem uma posição crítica em relação àquilo e nem um posicionamento; assim, de que lado você está, ou o que você deve fazer, a solução do problema. E a partir da militância no ME a gente aprende a tentar solucionar os problemas que a gente encontra na sociedade. (Militante Secundarista Secretaria do Grêmio Estudantil).

... eu enquanto ME, o meu posicionamento foi de me organizar, de me aprofundar politicamente pra dar uma maior consequência a esse movimento, que não fosse apenas conduzir um processo de carteira de estudante, ou conduzir uma entidade, ou falar em nome de uma entidade, mas que fosse desenvolver o nível de consciência dessa juventude, porque uma entidade, seja ela municipal ou estadual, o papel que ela tem é de formar politicamente aquela classe que ela tá representando... (Militante Universitária).

De fato, a participação no ME proporciona aos jovens um momento de transformação e experiência militante que não passa incólume nas suas vidas. A partir dessa vivência, eles passam a perceber o mundo e as relações sociais de uma forma mais crítica e reflexiva.

A questão da presença dos partidos também foi levantada durante as entrevistas com os militantes, mas se por um lado existem críticas no sentido de que essa presença engessa o movimento e limita as ações tirando a autonomia dos estudantes, por outro os próprios militantes percebem estes, os partidos, como sendo um importante reforço para a organização dos estudantes em um momento tão difícil de mobilização dos jovens, pensamento que está em consonância com a reflexão de Dussel (2007) sobre os partidos políticos, conforme já discutido neste trabalho.

Bom, antigamente era uma coisa que tinha bastante e hoje continua tendo a presença de partidos políticos dentro do Movimento, tanto é que um exemplo clássico é nossa entidade nacional, a UBES, é dividida por partidos... E assim, por uma questão de política, às vezes não tão política, mas por politicagem. Acho que assim prejudica um pouco o ME, por conta de que perde a autonomia. Mas, por outro lado, em contrapartida a isso, acho que é importante porque tem uma direção, tem um foco aqui. (Militante Secundarista Secretária do Grêmio Estudantil).

Sempre costumo ver tais discussões com olhares medianos, onde consigo encontrar pontos negativos e positivos. Acredito que os partidos políticos influenciam na organização de movimentos estudantis. É perceptível a organização de MEs com membros de partidos, bem como a desorganização dos quais não tem essa participação. Claro que a imposição do partido também permite o afastamento de estudantes que não participam do ME, pois sabemos que nos dias contemporâneos partidos políticos não são benquistos por todos. A competição dos partidos políticos que envolvem o ME também condiciona o embargamento de decisões no campo dos conhecimentos institucionais, tornando assim a luta ainda mais demorada. (Militante Universitária Presidente do Diretório Acadêmico).

Para os estudantes-militantes, essa dinâmica da participação dos partidos dentro do ME faz parte da sua percepção, sendo que essa dinâmica não é bem entendida pelo estudante não-militante, e é um dos motivos que afasta e dificulta a aproximação de muitos jovens do Movimento. Assim, necessário se faz que os estudantes não-militantes compreendam os códigos da militância. Por sua vez o ME precisa se aproximar das novas formas de organização e luta das juventudes, para que aconteça um processo de trocas e que novas identidades coletivas sejam construídas. Porém, os partidos políticos não deixam de se configurar como importantes espaços de politização para os jovens na atualidade.

Como já discutido a política vai muito além da dominação, aproxima-se da convivência em comunidade, do coletivo. Por outro lado a falta de interesse e de participação política não é algo só concernente aos jovens. Analisando a participação dos jovens a partir do entendimento de que a política, retomando a percepção de Dussel (2007), é uma atividade que organiza e promove elementos para o aumento de vida dos membros da sociedade, ou seja, política é uma atividade que visa à melhoria na vida da comunidade. Indo ao encontro desta ideia uma estudante-militante diz, referindo-se à necessidade de se organizar para melhorar as condições gerais dos estudantes no Agreste, que,

... em Gravatá tem estudante que vai pra escola de pau de arara, em Tacaimbó a água foi envenenada, o povo foi parar tudo no hospital e na cidade não tem um hospital que dê todo mundo, tem que se transferir. Então, é uma realidade que quando você passa a conviver você sente mais vontade de transformar isso, entendeu? (Militante Secundarista Presidente da UESC).

De fato, o desejo de transformação social tem um componente político muito concreto. Ao observamos que os estudantes, a partir da participação coletiva desenvolvem uma consciência da necessidade de transformar, não só as questões vivenciadas dentro do contexto escolar ou universitário, mas questões mais amplas que atingem a sociedade de uma forma geral. Assim, percebemos que a atividade política desenvolvida pelos estudantes-militantes visa a tornar melhor a vida em comunidade.

No entanto alguns fatores dificultam a organização e participação dos jovens e estes foram mencionados pelos estudantes-militantes, como a questão da mídia, que define a forma de ser da juventude, despolitizando-a na medida em que dita moda e padrões consumistas, dificultando a motivação dos jovens para empreender atividades de caráter político.

É acho que a mídia ela é uma das principais “contribuidoras” dessa questão porque na televisão mostra, o que você tem de vestir, o que você tem de comprar, o que é que você tem que ouvir o que tem que falar, até voto, a questão da época da campanha eleitoral, até voto a mídia influencia em quem você vai votar ou não. (Militante Secundarista Secretaria do Grêmio Estudantil).

Bom, eu acho que o movimento estudantil, como eu falei nas questões acima e como a maioria das pessoas percebe, está enfraquecido. Eu acho que isso acontece principalmente por causa da evolução das “técnicas” de manipulação e exploração das classes dominantes, como a mídia e forma de fazer você pensar que terá sucesso profissional se esforçar-se. Sabemos que isso não é verdade. Em alguns casos, por mais inteligente e esforçado que você seja nunca conseguirá se desenvolver social e economicamente. Na verdade, o que essas técnicas focam é o crescimento econômico do indivíduo, já que é como se a sociedade perfeita é essa, basta você se esforçar. (Militante Universitário)

Com a participação política no ME os jovens militantes desenvolvem essa crítica em relação à mídia e outros instrumentos ideológico-dominantes que desempenham importante papel de disseminadores dos ideais capitalistas de lucratividade e desenvolvimento individual. Em sintonia com as falas das militantes está outra reflexão de Dussel sobre a midiocracia:

O jovem bombardeado pela midiocracia, pela moda, pela totalidade do mundo cotidiano imerso dentro do horizonte de uma sociedade capitalista, que impõe pelo mercado seus ideais de ostentação, superficialidade, dificilmente pode superar as exigências de aumentar sua riqueza para poder comprar e mostrar esses sinais caros (monetariamente) de diferença (diria J. Baudrillard). (DUSSEL, 2007, p. 38).

Tendo em conta essa percepção podemos afirmar que os impedimentos colocados pelo sistema capitalista se caracterizam como um forte elemento que dificulta a organização e participação coletiva da juventude, pois para manter sua lógica de acumulação vem destruindo ao longo dos anos importantes direitos conquistados pela classe trabalhadora; e que prejudica de sobremaneira a juventude, especialmente a pertencente às classes populares. Diante do quadro de dificuldade de mobilização dos estudantes frente a uma série de problemas, o ME se constitui como um importante espaço de formação política para os jovens, onde podem discutir e refletir sobre várias questões de ordem política, social, econômica ou cultural.

Conforme já discutido, as ações de Protagonismo Juvenil permitem aos jovens se colocarem como protagonistas das suas vivências se organizando na procura de caminhos que os levem a superar os problemas aos quais estão mais vulneráveis, construindo suas próprias histórias. Para Dussel, (2007) todo sujeito ao transformar-se em ator, ainda mais quando é um movimento ou povo em ação, é o motor, a força, o poder que faz história. (p. 121). Em face desta compreensão, destacamos que as ações de Protagonismo Juvenil vivenciadas no ME apontam na direção de uma educação para participação democrática para que os militantes possam exercitar suas capacidades políticas de pensar e falar e assim construir sua autonomia.

Os jovens, ao participarem de experiências militantes, começam a contestar os modelos hegemônicos; suas utopias são a construção de um novo modelo de sociabilidade. As utopias desses jovens estão na direção do pensamento de Mannheim (1972) que considera utópicas as orientações que transcendem a realidade e transformam-se em conduta capaz de abalar e romper as amarras e a ordem de coisas que prevaleçam no momento. Nesse sentido, os estudantes-militantes relatam também, em suas falas, que muitas vezes são chamados de sonhadores, que sua luta não passa de utopia. De acordo com a fala da militante:

... é uma realidade que quando você passa a conviver, você sente mais vontade de transformar isso, entendeu? De querer mudar e de querer conscientizar as outras pessoas, por isso que às vezes as pessoas... Ah! 'O que vocês tentam é uma utopia, é um negócio só'. Não é não, é real, é o estudante quando ele tiver consciência política de que isso pode ser realmente transformado. (Militante Secundarista Presidente da UESC).

Nossa reflexão segue no sentido de que este pensamento também é uma forma de desmobilizar e enfraquecer o movimento. Assim, segundo Mannheim:

Os representantes de uma ordem dada irão rotular de utópicas todas as concepções de existência que do seu ponto de vista jamais poderão, por princípio, se realizar. (MANNHEIM, 1972, p. 220).

Dessa forma os estudantes se sentem desestimulados e se desencantam, deixando de lado seus ideais e crenças, provocando assim a desmobilização e a falta de interesse da juventude em participar se voltando para questões de seu universo particular.

Os estudantes-militantes também citam alguns limites. Entre eles, falam da necessidade de união dos diversos grupos de jovens que participam de Movimentos Sociais, ou seja, da convergência das bandeiras de luta. Segundo eles, cada Movimento Social fica muito voltado para suas lutas específicas, e o Movimento ganharia mais força e adesão se esses grupos encontrassem bandeiras de lutas comuns.

E a dificuldade hoje a gente vê em Caruaru, é a da união desses Movimentos, desses segmentos se unirem, porque na realidade existe o ME que luta pela melhoria da educação. Existe o Movimento negro que quer acabar com o preconceito contra o negro, existe o Movimento LGBT, que quer acabar com o preconceito contra a homossexualidade e tal. E na realidade, os Movimentos em vez de se unirem, ver que isso é uma questão de transformação social, eles, aqui em Caruaru, vem se distanciando, e isso é perceptível. Dentro do ME mesmo, é difícil, por exemplo, da gente hoje achar uma bandeira que una o Movimento universitário com o Movimento secundarista... (Militante Secundarista Presidente da UESC).

E eu acho que dentro dessas causas, dessas lutas mais específicas, os Movimentos Sociais tem momentos que tem de convergir. Por exemplo, agora dessa luta do petróleo é nosso (Pré-Sal)¹⁰ foi uma riqueza imensurável que foi encontrada no nosso país e se os Movimentos Sociais, que são as pessoas que estão mais à frente, mais na vanguarda da luta, não se unirem para lutar, por exemplo, para que esse petróleo seja destinado para garantir as necessidades mais básicas da sociedade como: saúde, segurança, educação e tal, a gente não vai conseguir e é uma causa que atinge a todos esses grupos... (Militante Universitária)

10 A camada de pré-sal refere-se a um conjunto de reservatórios de petróleo mais antigos que a camada de sal.

Para os estudantes-militantes há uma necessidade urgente de unir forças para conquista de direitos historicamente negados a esses grupos, e essa desarticulação entre as bandeiras de luta é mais uma forma de provocar a desmobilização da sociedade de uma forma geral, e não só da juventude, favorecendo a manutenção do *status quo*. A percepção desses jovens nos remete ao pensamento de Marcuse quando ele diz:

...que as possibilidades utópicas não são absolutamente utópicas, mas antes representam uma determinada negação histórico-social do existente, a tomada de consciência delas – bem como a determinação consciente das forças que impedem a sua realização e que as negam... (MARCUSE, 1969, p 22)

De fato, a militância permite a esses jovens uma tomada de consciência em relação às forças que impedem que aconteça uma transformação social de fato e quais os mecanismos usados pelo poder hegemônico para manter sua dominação e assim desenvolvam ações que leve à superação desse modelo.

CONCLUSÕES

Esse trabalho nos possibilitou reconhecer como a juventude de Caruaru, vinculada ao Movimento Estudantil, atualmente se organiza, quais seus interesses e anseios, procurando desmitificar a ideia de que os jovens atualmente não participam e não se interessam por política. Percebendo como a partir das experiências militantes, esses jovens constroem uma consciência crítica e reflexiva, que os ajuda a perceber a realidade vivenciada como fruto de um longo processo histórico aliado à necessidade de se conhecer o passado como produtor de significações que resultaram no presente.

As nossas conclusões apontam que os estudantes-militantes ingressam na militância do ME devido às influências, principalmente, de amigos de escola que já fazem parte do movimento. Esse engajamento também acontece a partir do trabalho desenvolvido pelas entidades representativas dos estudantes em Caruaru.

Os estudantes do ME, a partir de suas experiências de militância política, desenvolvem conhecimentos, competências, além de definir valores, princípios e atitudes em sua bagagem intelectual e política para toda a vida. Um exemplo disso é como esses jovens têm um posicionamento diferenciado frente às questões atuais, e se organizam de diferentes modos e utilizam diferentes linguagens pra se comunicarem, se articularem. Por exemplo, muitos jovens da periferia de Caruaru se utilizam das letras do Hip-Hop para denunciar a violência e a ausência de direitos, ou usam o grafite para expressar sua arte, considerada por muitos como marginal.

Assim, o ME é um importante espaço de formação política para os estudantes-militantes, pois a partir das vivências nas assembleias, encontros, reuniões e

lutas os jovens experimentam diversas possibilidades de reflexão e discussão sobre os temas atuais numa perspectiva política. É importante lembrar que esses momentos coletivos também contribuem para alimentar a militância, pois muitas vezes nas lutas cotidianas os jovens se sentem desestimulados por não perceberem que as mudanças desejadas são possíveis.

No que se refere às vivências de Protagonismo Juvenil, o ME é um espaço privilegiado onde os jovens desenvolvem ações nas quais se colocam como protagonistas das suas experiências na busca por caminhos que os levem a superar os problemas por eles enfrentados no cotidiano. Dessa forma, as experiências de Protagonismo vivenciadas no ME permitem aos estudantes-militantes construir seus conhecimentos e valores a partir das suas próprias ações. Essas experiências de Protagonismo, além de contribuírem para o desenvolvimento individual dos jovens, influem efetivamente nos acontecimentos da vida comunitária e social, podendo gerar mudanças na realidade social na qual estão inseridos.

Podemos perceber que muitos são os desafios do ME. Entre eles está a necessidade de romper com os padrões impostos pelo sistema econômico vigente, que se utiliza de diversos meios para impor seu modelo de dominação e exploração, o que faz aumentar a cada dia o número de jovens expostos a situações de risco como: o consumo de drogas, a violência, o desemprego, a baixa escolarização, a dificuldade de ingressar no ensino superior, entre outros. Portanto, a participação dos jovens em movimentos coletivos é muito importante para vencer estes desafios e avançar na busca de uma nova relação social, econômica, ambiental e cultural. Portanto, a agenda política do presente avança em relação ao ME da década de 1960 na medida em que contempla as questões de gênero, raça, diversidade sexual, etc.

A partir desse estudo, podemos concluir que a juventude tem buscado novos modelos de atuação, como através da internet, que é um ambiente de militância política forte. O espírito revolucionário continua presente e impulsiona-os a contestar os padrões que vão contra suas concepções políticas. Enfim, a militância dentro do Movimento Estudantil é um fenômeno educativo de grande importância, que contribui para uma educação cidadã, baseada no respeito e na solidariedade, formando jovens atuantes e preocupados com as questões sociais que afligem o nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis, 1937-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BENEVIDES, Silvio César Oliveira. *Na contramão do poder: juventude e movimento estudantil*. São Paulo: Annablume, 2006.

- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Vol 1. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.
- COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Cristina. *Caminhando contra o vento: Uma adolescente dos anos 60*. São Paulo: Moderna, 1995.
- DESLANDES, Suely Ferreira. et. al. (2008), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DUSSEL, Enrique. *20 Teses de Política*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAGE, Allene Carvalho. *Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal*. Volume 1 – Dissertação de Doutorado. Orientador: Boaventura de Sousa Santos. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2005.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MARCUSE, Herbet. *O Fim da Utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Identidade, Cultura e Política: os Movimentos Estudantis na Contemporaneidade*. Dissertação de Doutorado. Orientador: Salvador Antônio Mireles Sandoval. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- POERNER, Arthur José. *O poder jovem: historia da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SALES, Ivandro da Costa. *Ainda é possível tomar gosto pela política? Os desafios para uma Gestão Democrática*. In: SABERES- Revista do Observatório dos Movimentos Sociais. Ano I- nº 01, Jul./Ago./Set./Out. 2008, p.183-194.
- _____. *Saber e Poder : elementos de teoria e de metodologia*. Recife: COMUNIGRAF, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do "Skylab". In: *Revista Crítica*, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983.
- VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.